

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: A DISPUTA DOS MÉTODOS

Edilaine Bezerra de Oliveira¹

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia(ULHT – PT)

Edi.laine.28@hotmail.com

Margareth Rodrigues de Souza²

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia(ULHT – PT)

margarethth@ig.com.br

Maria Rivânia Tenório de Holanda Saouza³

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT – PT)

rivaniaholanda@hotmail.com

PALAVRAS CHAVES: Alfabetização, Letramento, métodos analíticos e sintéticos

INTRODUÇÃO

Já vem sendo questionada por diversas épocas a dificuldade da escola em dá conta do seu principal papel histórico: Ensinar a ler e escrever. Os questionamentos giram em torno do método, do aluno, do professor, do sistema escolar, dentre outros fatores considerados responsáveis pelo fracasso da criança.

Este trabalho tem como objetivo conhecer e compreender os métodos de alfabetização utilizados no processo de aprendizagem da leitura e escrita no decorrer de várias décadas, bem como a eficácia de cada um para o sucesso dos alunos.

De acordo com Mortatti (2006) a história da alfabetização no Brasil tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, que desde o final do século XIX, geram-se tensas disputas relacionadas com “antigas” e “novas” explicações para o mesmo problema: a dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever, especialmente na escola pública.

A alfabetização durante muito tempo foi compreendida como a sistematização das letras, sílabas e sons – grafemas e fonemas; sendo estes suficientes para saber quem seria o indivíduo alfabetizado ou não alfabetizado (SOARES,2012). Por mais de um século podemos

observar vários esforços para mudar e superar os métodos considerados tradicionais e antigos, buscando sempre um novo método, que revolucione a forma de ensinar.

Segundo Galvão e Leal (2005), “Método é o caminho que conduz a um fim determinado.” De acordo com as autoras, ele também pode ser compreendido como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de chegar a um objetivo.

Baseados nos estudos de Mortatti (2006), os métodos de alfabetização no Brasil compreendem: os métodos sintéticos, os analíticos e os métodos analíticos - sintéticos.

O método sintético parte-se das unidades menores (letras, fonemas ou sílabas) para passar a analisar unidades maiores (palavras, frases, textos). Esse método parte do pressuposto de que a aprendizagem é mais fácil quando iniciada por unidades mais elementares e simples, para em seguida, apresentar unidades inteiras e significativas, sempre de acordo com uma ordem crescente de dificuldades. Quanto a escrita, esta se restringia a caligrafia e ortografia, e seu ensino, a cópia, ditados e formação de frase, enfatizando-se o desenho correto das letras.

Contraopondo-se ao método sintético, o método analítico propõe um ensino que parte das unidades significativas da linguagem (palavras, frases e pequenos textos), para depois conduzir a análise das partes menores que as constituem (letra e sílaba). Este método propõe que os alunos façam a leitura global até que passem a reconhecer partes dessas sentenças.

Buscando conciliar os dois tipos de métodos de ensino da leitura e da escrita (sintéticos e analíticos), os educadores passaram a utilizar os métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa) considerados mais rápidos e eficientes. Os métodos analíticos-sintéticos partem de um processo que começa em um estágio de conhecimento global (palavra, frases e textos), logo em seguida, passa a um estágio analítico-sintético, caracterizado pela decomposição das palavras em letras ou em sílabas.

No início da década de 80 baseados na teoria de Jean Piaget, os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosk (1985) acerca da Psicogênese da Língua Escrita, produziu um grande impacto levando-nos a um novo entendimento do que seria o processo de alfabetização. Essa teoria veio com o intuito de ampliar este conceito.

Tfouni (1997, p.9) conceitua alfabetização como o “processo de aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem”. Kramer (2001) acrescenta que “alfabetizar não se restringe à decodificação e á

aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo” (p.98). A autora defende que o processo de alfabetização é iniciado antes da criança entrar na escola, reconhecendo que (...) “alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se”. Nesse sentido a estudiosa acrescenta que para escolher a melhor maneira de ensinar é necessário que o professor compreenda primeiro como a criança aprende, levando em consideração que a aprendizagem da leitura e escrita tem uma função social e cultural.

Sabemos que ainda existem muitas dúvidas em relação ao trabalho de alfabetizar letrando. Maciel e Lúcio (2009, p,17), observam que angústias desses profissionais revelam o medo de que suas práticas sejam consideradas “ultrapassadas” ou “tradicionais”. Destaca ainda que (...) muitos professores ainda acreditam que somente após o processo de alfabetização é que deve ser iniciado o processo de letramento.

Kramer (2010), contribui com a discussão quando diz que(...) “o determinante não é o método”. A autora alerta-nos para a necessidade de uma mudança na concepção do processo de leitura/escrita e de uma transformação da prática pedagógica. Sob esta ótica ela acrescenta que o compromisso profissional do professor “costura os seus procedimentos em sala de aula, dá o tom das notas tocadas no cotidiano sem precisar proclamá-lo a cada momento”.

Soares (2012) destaca a necessidade da formação do alfabetizador, uma formação que leve o professor a compreender as diversas facetas da alfabetização(psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística) bem como os condicionantes (sociais, culturais, políticos) do processo de alfabetização. Que este professor saiba utilizar adequadamente os materiais didáticos, assuma uma postura política e realmente compreenda o papel da alfabetização.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO:

Foi realizado um levantamento bibliográfico, auxiliado por periódicos e livros que apresentam diversas opiniões de estudiosos e pesquisadores do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é sem dúvidas, o momento mais importante na formação escolar de uma pessoa (CAGLIARI,2009, P.7).Atualmente no processo de alfabetização já não é suficiente apenas, codificar e decodificar os símbolos; é necessário usar estas habilidades , em práticas sociais (SOARES,2005), sendo este um dos grandes desafios do professor.

Apesar da disputa dos métodos de alfabetização, a escola pública brasileira ainda continua com o velho fantasma, a dificuldade de não dá conta da sua principal função: garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas até o final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Para melhor ensinar, o professor precisa descobrir como a criança aprende. O professor alfabetizador, deverá ser um mediador do conhecimento e sua prática alicerçada em uma concepção crítica de educação (KRAMER,2010).

REFERÊNCIAS:

._____.História dos Métodos de Alfabetizaçãp no Brasil. In:Seminário Alfabetização e Letramento em debate. Brasillia: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006, p 1 – 16.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística Infantil, 1 Edição. São Paulo: Scipione.2009,

CASTANHEIRA. Maria Lúcia (Org). Alfabetização e Letramento na sala – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale.2009

FERREIRO, Emília. Psicogênese da Língua Escrita.Porto Alegre: Artmed.1999

KLEIMAN, Angela B. Org. Os Significados do Letramento: uma nova perspestiva sobre prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras.1995

KRAMER, Sonia.Alfabetização, leitura e escrita: Formação de Professores em curso.1 Edição. São Paulo : Ática.2010

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. XXVI ANPED Poços de Caldas, out.2003

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 6 Edição.São Paulo: Contexto.2012

TFOUNI, Leda V. Letramento e Alfabetização. São Paulo, Cortez, 1995.

